

# Kabumm

N.º 38 · MAIO 2026

O BIG BANG DA TECNOLOGIA



**O cinema moçambicano entrou na era da IA,** e começou por Ngungunhane

---

O AI Artist, DJ Marcell usa IA para dar vida ao Império de Gaza no cinema

# Uma revista *moçambicana* sobre tecnologia e inovação.

## SOBRE

A Kabum Digital documenta os últimos acontecimentos locais e internacionais do ecossistema tecnológico através de notícia, reportagem e entrevista. Esta é a edição n.º 38, publicada em Maio de 2026.

Saímos doze vezes por ano. Não publicamos por feed: publicamos por edição.

## ENCONTRE-NOS

[www.kabum.digital](http://www.kabum.digital)

[@kabum.digital](#)





DIRECÇÃO EDITORIAL

*Guidione Machava*

Director Editorial Criativo

PROJECTOS & CONTEÚDOS

*Elizabeth Machava*

Gestora de Projectos

COMERCIAL

*Nélio Macombo*

Gestor Comercial

DESIGN GRÁFICO

*Takudzwa Jauki*

Designer Gráfico

# Kabum

## SECÇÃO 01 · NACIONAL

### Editorial

Guidione Machava

05

### Cover Story · IA Cinema

DJ Marcell e o Império de Gaza

07

### ATDI × Huawei

Parceria estratégica para a IA

11

### Mulheres na Tecnologia

Global Summit em Cape Town

14

### 5G em Moçambique

INCM abre propostas de espectro

18

### Roaming Nacional

Piloto em seis localidades

21

### ONU · CSTD

Moçambique na agenda digital global

23

## SECÇÃO 02 · INTERNACIONAL

### GITEX África 2026

Marraquexe, 55.000 profissionais

28

### Swoop

19 anos, 7,3M USD, Lagos

31

### Qualcomm Make in Africa

10 startups, 45 países

34

### 705 milhões USD

Capital de risco em alta em África

36

### Deepfakes

Fraude com IA explode no continente

39

### Vambo IA

44 línguas africanas, 1 startup

42

### Amazon × Anthropic

25 bilhões redefinem a IA

45

# Quando o engenheiro veste fato, *Moçambique* perde um técnico



Guidione Machava

## **Opinião — sobre carreiras, promoções e a maldição do "manager" no sector tecnológico moçambicano**

Há um padrão que se repete nas empresas de tecnologia em Maputo, na Matola, e em qualquer escritório onde se escreva código neste país: ao fim de seis ou sete anos de carreira, todo o engenheiro decente é "promovido" para gestor. Deixa de mexer em código. Começa a vestir fato. Passa a fazer reuniões. E, sem se dar conta, deixa de ser engenheiro.

Quando vejo um engenheiro a aparecer de fato e gravata numa empresa de software, sei imediatamente uma coisa: aquele engenheiro foi vendido. Vendido pela empresa, vendido pelo mercado, e muitas vezes vendido por ele próprio.

## O que aprendi na França

Trabalhei na França e vi como funciona um ecossistema tecnológico maduro. A primeira coisa que se aprende é simples: as empresas só dão saltos verdadeiros quando têm pessoas muito sêniores, muito técnicas, com vinte anos a fazer a mesma coisa, cada vez melhor.

Lá, um staff engineer ou um principal engineer recebe salários que muitos directores moçambicanos não vêem em três anos, nunca, nem uma vez, gere pessoas. Não tem subordinados. Não preside a comités. Não anda a aprovar férias de ninguém. O que faz é resolver problemas que mais ninguém na empresa consegue resolver. É essa a sua moeda.

Esse modelo, chamado individual contributor track, ou carreira técnica paralela é, que separa um país que produz tecnologia de um país que consome tecnologia. E nós, neste momento, estamos firmemente do lado errado.

## O problema moçambicano: fabricamos políticos da tecnologia


Em Moçambique, o engenheiro bom é castigado com uma promoção. A empresa olha para um programador competente e pensa: "este miúdo é bom, vamos pô-lo a chefiar a equipa". E, num instante, perde-se o melhor técnico para se ganhar mais um gestor medíocre — porque gerir pessoas é uma profissão completamente diferente de escrever software, e quase ninguém é bom a fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

O resultado é o que se vê: empresas tecnológicas moçambicanas onde quase ninguém, na liderança, ainda toca em código. Onde as decisões técnicas são tomadas em PowerPoint, por pessoas que já se esqueceram da diferença entre uma base de dados e uma folha de Excel. Onde o caminho para ganhar bem é deixar de fazer aquilo em que se é bom.

## **Estamos a construir um país de políticos da tecnologia. Não de tecnólogos. E há uma diferença enorme.**

O político da tecnologia anda em conferências. Faz painéis. Fala em "transformação digital", "inovação", "ecossistema". Aparece nas fotografias. O tecnólogo está sentado a corrigir um bug às onze da noite porque o sistema cai e ninguém mais sabe porquê. Adivinhem qual dos dois é que faz o país avançar.

# O cinema que a IA ainda *não viu.*



Marcell Rutschmann trocou as luzes dos estúdios convencionais pela inteligência artificial. A partir de Maputo, reconstrói o Império de Gaza, e explica por que o prompt é a nova forma de realizar.

**M**arcel Rutschmann conhece bem o peso de uma câmara. Vencedor do Museke Awards, realizador premiado e produtor com um percurso sólido na cena audiovisual, o portfólio de DJ Marcell é extenso e diverso, marcado por colaborações com nomes de referência da música africana e por trabalhos que cruzam fronteiras entre o cinema, o videoclipe e a publicidade. Mas, o músico e cineasta moçambicano radicado em Maputo trocou as luzes dos estúdios convencionais por um novo tipo de ferramenta: a inteligência artificial. E o resultado é um dos projectos mais ambiciosos a sair de Moçambique nos últimos anos, um filme sobre a vida de Ngungunhane, o último imperador do Império de Gaza.

**“Esse momento veio quando percebi que a IA deixava de ser apenas um efeito visual e passava a ser um sistema de produção completo. Como realizador, sempre trabalhei com limitações, orçamento, logística e escala. A IA mudou isso completamente. Quando comecei a testar estas ferramentas, percebi que podia criar mundos, personagens e atmosferas com um nível de controlo criativo que antes exigia equipas enormes. Foi aí que entendi: isto não é uma tendência, é uma nova linguagem cinematográfica.”**

▶▶▶ DJ Marcell

Marcell define-se como alguém que vive entre dois mundos: o humano e o algorítmico. O seu processo continua a ser cinematográfico, ideia, narrativa, emoção, linguagem visual, mas a IA funciona como extensão dessa visão. O mais importante, sublinha, não é a ferramenta em si, mas o prompt como forma de realização.

**“ Eu não estou a “gerar imagens”, estou a dirigir cenas através de linguagem.”**

▶▶▶ DJ Marcell





## Ngungunhane: dar escala a uma história africana

O projecto sobre Ngungunhane nasceu de uma necessidade pessoal de contar uma grande história africana com dimensão global. A figura histórica do último imperador do Império de Gaza é, segundo Marcelll, extremamente poderosa mas pouco explorada no cinema internacional. A IA ofereceu-lhe a oportunidade de reconstruir o império com uma escala que, em produção tradicional, exigiria milhões: cidades, exércitos e ambientes épicos. Mas há um detalhe que distingue a sua abordagem. Marcelll não quer um filme inteiramente gerado por IA. Quer trabalhar com actores reais, captar performance, emoção, expressão facial, linguagem corporal, e depois transferir tudo isso para o universo visual da IA, num processo que compara ao trabalho da Pixar Animation Studios.

**“ O acting continua a ser humano. A IA entra como instrumento de transferência e amplificação. ”**

▶ ▶ ▶ DJ Marcell

A questão da responsabilidade histórica não lhe escapa. Marcelll garante que o projecto envolve especialistas com conhecimento profundo do contexto cultural e histórico, procurando um equilíbrio entre rigor, respeito cultural e liberdade narrativa.

# África como potência narrativa



Para Marcell, a IA elimina uma das maiores barreiras para criadores africanos: o acesso a orçamento. Durante anos, contar histórias africanas com escala dependeu sempre de financiamento externo. Agora, um criador com visão pode construir mundos inteiros com recursos mínimos. O dinheiro não deixa de importar, mas o talento volta a estar no centro.

Quando lhe perguntamos o que falta para mais criativos moçambicanos adoptarem a IA, a resposta é directa: acesso a ferramentas e internet de qualidade, formação prática e abertura à experimentação. O talento existe, o desafio é estrutural.



**“ O futuro vai pertencer a quem tiver identidade forte, não apenas recursos. ”**

▶▶▶ DJ Marcell

# ATDI × *Huawei*

Acordo prevê formação de 5.000 técnicos e criação de modelos linguísticos em português adaptados à realidade nacional



DECLARAÇÕES

*“Esta cooperação dá-nos a possibilidade de formar quadros que, até hoje, tinham de procurar certificação fora do país.”*

– DIRECTOR-GERAL DA ATDI

A Agência de Transformação Digital e Inovação (ATDI) e a Huawei assinaram, na República Popular da China, um acordo de cooperação estratégica orientado para a inovação tecnológica, eficiência administrativa e melhoria da qualidade dos serviços prestados ao cidadão moçambicano. O memorando surge num momento em que o continente africano acelera a corrida pela Inteligência Artificial, e Moçambique procura não ficar para trás.

O memorando foi rubricado pelo Presidente do Conselho de Administração da ATDI, Eng. Adilson Gomes, e pelo Director-Geral da Huawei em Moçambique, Zhang Junming, e estabelece um quadro de actuação que abrange quatro pilares fundamentais: infraestrutura digital avançada, desenvolvimento de capacidades em IA, formação profissional e modernização de serviços públicos. A Huawei, que já opera em Moçambique há mais de uma década, reforça assim o seu posicionamento como parceiro estratégico na transformação digital do país.

## Centros de dados e modelos linguísticos para Moçambique

Entre as prioridades do acordo, destaca-se o desenvolvimento de centros de dados de nova geração e plataformas de computação em nuvem, que irão suportar soluções baseadas em Inteligência Artificial. A infraestrutura actual do país é limitada nesta área, e a criação de centros locais de processamento de dados é vista como condição prévia para qualquer estratégia séria de IA.

Mas talvez o ponto mais ambicioso seja a criação de modelos linguísticos em língua portuguesa, adaptados à realidade moçambicana, um passo crucial para garantir que a IA não fale apenas inglês e mandarim, mas também o português. A maioria dos grandes modelos de linguagem é treinada predominantemente em inglês, o que limita a sua utilidade em

contextos lusófonos. Um modelo calibrado para o português moçambicano poderia transformar desde a administração pública até ao atendimento bancário.

A parceria prevê ainda a formação de cerca de 5.000 quadros nacionais ao longo dos próximos três anos, em diferentes níveis e áreas de especialização, desde engenharia de

dados até à gestão de infraestruturas digitais. O programa inclui certificações Huawei, estágios práticos e capacitação de formadores, um modelo concebido para criar efeito multiplicador e não apenas transferência pontual de conhecimento.

## Saúde, educação e administração pública no centro

Na vertente de modernização, o acordo contempla a introdução de soluções inteligentes em sectores-chave como a saúde, a educação e a administração pública. Na saúde, a IA pode apoiar o diagnóstico clínico em zonas rurais onde faltam médicos especialistas. Na educação, plataformas adaptativas poderiam personalizar o ensino para milhões de alunos. Na administração pública, chatbots e sistemas automatizados poderiam reduzir filas e burocracia nos balcões de atendimento.



O objectivo declarado é melhorar a eficiência, a qualidade e o acesso aos serviços prestados ao cidadão, utilizando a IA como motor de transformação. Mas o sucesso dependerá, em grande medida, da capacidade de execução e do investimento continuado em conectividade, sem internet fiável em todo o território, a IA permanece uma promessa urbana.

Com este acordo, a ATDI reforça o seu papel como entidade central na coordenação da transformação digital em Moçambique, alinhando-se com as prioridades do Governo de modernização do Estado e de reforço da soberania digital. O tempo dirá se esta parceria se traduz em resultados concretos ou se fica no domínio dos memorandos, mas o sinal é claro: Moçambique quer ter lugar na mesa da IA.





Women in Tech Moçambique leva  
delegação ao

# *Global Summit em Cape Town*

Capítulo moçambicano marca  
presença no maior encontro mundial  
de mulheres na tecnologia, com 500  
líderes de mais de 60 países

# Um summit centrado em IA, blockchain e cibersegurança

O Women in Tech Global Summit 2026 realizou-se de 28 a 30 de Abril no Cape Town International Convention Centre, na África do Sul, reunindo 500 delegadas, 80 oradoras e representantes de mais de 60 países durante três dias. Entre as delegações presentes esteve a de Moçambique, composta por nove mulheres que representam o capítulo nacional da organização global Women in Tech.

A delegação moçambicana foi liderada por Delfina Franco, directora do capítulo Women in Tech Mozambique, e incluiu Rungo, Agostinho, Cuambe,

## *Um summit centrado em IA, blockchain e cibersegurança*

O programa de três dias organizou-se em torno de quatro eixos: inteligência artificial, blockchain, cibersegurança e tecnologia sustentável. O formato combinou keynotes, workshops interactivos e sessões de networking, com foco na diplomacia tecnológica e na colaboração transfronteiriça. Entre os parceiros corporativos do evento estiveram a Amazon, a Microsoft, a Dynatrace e o Standard Bank, este último também parceiro do capítulo moçambicano.



O summit examinou o estado actual da participação feminina no sector tecnológico global e definiu prioridades para o ano seguinte, com o objectivo declarado de empoderar 5 milhões de mulheres até 2030. A escolha de Cape Town como sede reforçou o posicionamento de África como palco central para estas discussões, depois da edição de 2025 ter sido realizada em Osaka, no Japão.

# Coaching Café:

## mentoria personalizada

Uma das iniciativas que a delegação moçambicana levou ao summit foi o Coaching Café, um formato de conversas individuais entre profissionais experientes e mulheres em início de carreira na tecnologia. As sessões são desenhadas para inspirar, guiar e fortalecer mulheres que estão a construir percursos no sector tecnológico, com foco em soluções práticas e não apenas em inspiração abstracta.

O ecossistema por trás da delegação O Women in Tech Mozambique opera com uma equipa reduzida de duas a dez pessoas, mas o seu impacto vai além da dimensão. O capítulo actua em quatro pilares: educação, negócios, inclusão digital e advocacia, alinhados com a missão global de equipar

mulheres com competências STEAM e desafiar os preconceitos de género no sector tecnológico.

A presença das representantes moçambicanas num summit desta dimensão é significativa. Num continente onde a participação feminina em carreiras tecnológicas continua abaixo da média global, cada delegação que se senta à mesa contribui para mudar a narrativa. As conclusões e compromissos assumidos em Cape Town deverão traduzir-se em acções concretas nos meses seguintes, tanto a nível global como no terreno, em Maputo.

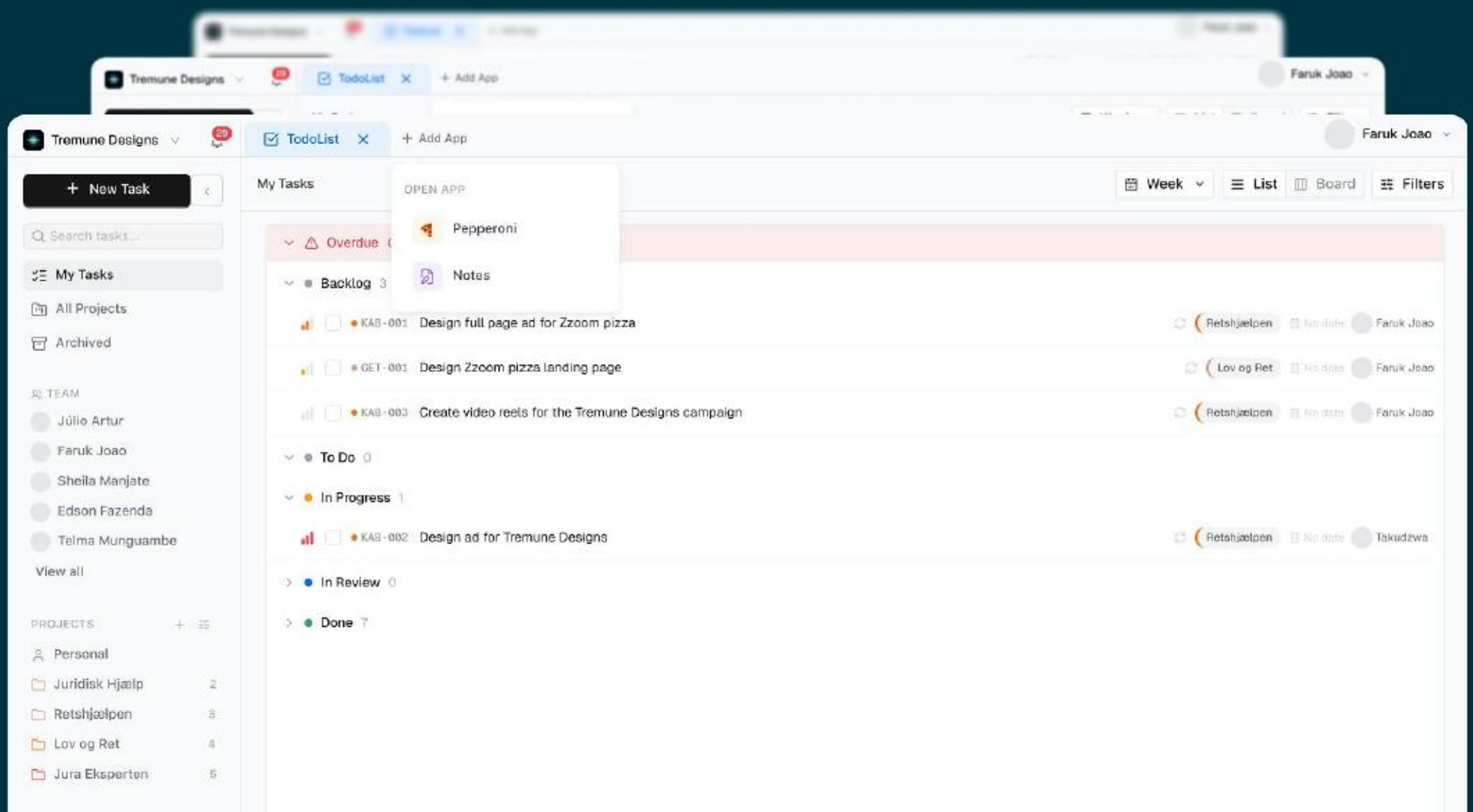
Fonte: Women in Tech Global, Women in Tech Mozambique LinkedIn, Abril 2026



# não é sobre comida.

É sobre fazer o trabalho de cinco apps com uma só. Tarefas. Notas. Um assistente que já leu tudo o que escreveste, numa só conversa.

[www.getpizza.digital](http://www.getpizza.digital)



# 5G

## *Moçambique entra na era do 5G: INCM abre propostas de espectro*

---

O INCM divulgou em Abril o roteiro técnico nacional para a quinta geração móvel. O documento, que circulou primeiro em fórum restrito, define quatro fases até 2030 e sete bandas de espectro a leiloar a partir do segundo semestre.

# Um summit centrado em IA, *blockchain* e *cibersegurança*

A Autoridade Reguladora das Comunicações (INCM) realizou, a 17 de Abril de 2026, a sessão pública de abertura das propostas submetidas no âmbito do processo de consignação administrativa do espectro radioelétrico para a implementação da tecnologia 5G no país. O momento é histórico: pela primeira vez, Moçambique dá um passo formal rumo à quinta geração de telecomunicações móveis.

As propostas foram apresentadas pelos três operadores nacionais de telecomunicações, Tmcel, Vodacom Moçambique e Movitel, e têm como objectivo a atribuição de frequências nas faixas dos 700 MHz, 2.6 GHz e 3.5 GHz, consideradas essenciais para garantir um equilíbrio eficiente entre cobertura territorial, capacidade de rede e qualidade de serviço. A faixa dos 700 MHz, por exemplo, é particularmente relevante para a cobertura rural, dada a sua capacidade de propagação a longa distância, enquanto a faixa dos 3.5 GHz oferece maior largura de banda para zonas urbanas densas.

## *Sem leilão: modelo de consignação administrativa*

Ao contrário de muitos países que optam por leilões competitivos, onde os operadores disputam o espectro através de propostas



financeiras milionárias, Moçambique adoptou um modelo de consignação administrativa, priorizando a expansão rápida da infraestrutura sobre a maximização imediata da receita estatal. A transição para este modelo foi formalizada em Outubro de 2025 e reflecte uma visão pragmática: num país onde a cobertura 4G ainda não é universal, o foco deve estar na construção de rede, não na arrecadação de receitas pontuais.

A abertura das propostas constitui um marco determinante, assinalando o

início da fase de avaliação técnica, económica e regulatória das candidaturas, com vista à subsequente consignação do espectro e à implementação faseada do 5G em Moçambique. A sessão pública garantiu transparência ao processo, permitindo que os termos das propostas fossem conhecidos por todos os intervenientes.

# Obrigações de *cobertura* *rural*

A atribuição é acompanhada por obrigações impostas pelo regulador, que incluem a maximização do valor social e económico do espectro, a expansão progressiva da cobertura a nível nacional, com especial enfoque nas zonas rurais, periurbanas e em áreas de elevado impacto económico e social. Este ponto é crucial: sem obrigações explícitas de cobertura, os operadores tendem a concentrar o investimento em Maputo e nas capitais provinciais, deixando a maioria do território sem acesso às redes mais avançadas. O 5G promete velocidades até 100 vezes superiores ao 4G, latência mínima e capacidade para ligar milhões de dispositivos em simultâneo, condições essenciais para aplicações como telemedicina, agricultura de precisão, cidades inteligentes e Internet das Coisas.

Para um país como Moçambique, estas não são apenas promessas tecnológicas, são ferramentas com potencial de impacto directo na vida de milhões de cidadãos.

Ainda não foi definida uma data para o lançamento comercial do 5G, mas o processo está agora oficialmente em marcha. Os próximos meses serão decisivos para a avaliação das propostas e a definição do cronograma de implementação, e com eles, a promessa de uma nova era de conectividade para Moçambique

Fonte: Folha de Maputo, @Verdade, TechAfrica News, Abril 2026

## Roaming Nacional:

# *Mocambique* *testa cobertura* partilhada entre operadores

Fase piloto decorre até 15 de Maio em seis localidades, de Inhambane a Niassa

Pela primeira vez em Moçambique, os utilizadores de qualquer operador podem aceder à rede de um concorrente em zonas onde o seu operador não tem cobertura. A Autoridade Reguladora das Comunicações (INCM) lançou, em Abril de 2026, a fase piloto do roaming nacional, uma iniciativa que pode redesenhar o mercado das telecomunicações no país e levar conectividade a comunidades que, até agora, viviam em silêncio digital.

O objectivo central é eliminar as chamadas “zonas de sombra”, áreas onde nenhuma rede funciona, e garantir que a conectividade chegue a mais cidadãos em todo o território nacional. A medida decorre do Regulamento de Roaming Nacional nas Telecomunicações, aprovado pelo Decreto n.º 12/2025, de 19 de Março. Na prática, funciona assim: se um utilizador da Tmcel estiver numa zona onde só existe cobertura Movitel, o seu telefone liga-se automaticamente à rede disponível, sem necessidade de trocar de cartão SIM ou de operador.

## Seis localidades, três operadores, uma missão

O piloto abrange seis localidades distribuídas por cinco províncias: Quissico Sede (Inhambane), Ntemangau e Cachembe Sede (Tete), Muirrua (Zambézia), Nacala-a-Velha Sede (Nampula) e Chissimbire (Niassa). A escolha não foi aleatória, são zonas onde a cobertura é fragmentada e onde a população sofre mais com a ausência de rede. Nesta fase, os serviços abrangidos são voz e SMS, os dados móveis ficam para uma fase posterior.

A Tmcel, a Vodacom Moçambique e a Movitel estão envolvidas no processo, sendo que durante o piloto a INCM e os operadores irão monitorizar a qualidade do serviço e a interoperabilidade entre redes. Um dos desafios técnicos é garantir que a transição entre redes seja transparente para o utilizador, sem chamadas caídas ou atrasos perceptíveis. Outro desafio é comercial: como serão partilhadas as receitas entre o operador do utilizador e o operador que fornece a rede?

## Impacto *potential*

O roaming nacional não é uma ideia nova no mundo, países como a Índia, o Brasil e vários estados europeus já implementaram modelos semelhantes. Mas em África, onde os custos de infraestrutura são elevados e as margens dos operadores são reduzidas, a partilha de rede representa uma



solução pragmática para expandir a cobertura sem duplicar investimento.

Se a implementação for bem-sucedida, Moçambique poderá posicionar-se como referência regional em soluções regulatórias para a expansão de conectividade com menor custo e maior rapidez. O benefício mais imediato será sentido pelas comunidades rurais, onde a cobertura de um único operador pode significar a diferença entre ter ou não acesso a serviços essenciais como banca móvel, informação de saúde e comunicação com famílias distantes.

Num país onde a cobertura móvel ainda não é uniforme, o roaming nacional pode ser o empurrão que faltava para ligar as comunidades mais remotas ao mundo digital. A fase piloto termina a 15 de Maio, e os resultados determinarão se Moçambique avança para a implementação nacional.

Fonte: @Verdade, TechAfrica News, Telecompaper, Abril 2026

*Moçambique  
apresenta  
avancos digitais  
na 29.ª sessão da  
ONU*

# Governança de dados, cibersegurança e estratégia *de IA com apoio da UNESCO* *entre os destaques*

Moçambique apresentou, na 29.ª sessão da Comissão das Nações Unidas sobre Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento (CSTD), os progressos realizados nas áreas de transformação digital, governança de dados, protecção de dados, inteligência artificial, segurança cibernética e adesão a convenções internacionais. A CSTD é o principal fórum intergovernamental das Nações Unidas para questões de ciência, tecnologia e inovação, e a participação de Moçambique reflecte o compromisso do país em integrar a agenda digital global.

A intervenção destacou a Política da Sociedade de Informação e a sua Estratégia de Implementação, aprovada pelo Governo em 2018, que mantém foco estratégico em cinco eixos: educação e desenvolvimento humano, saúde, governança digital, conectividade e inclusão digital. Os avanços reportados incluem a expansão da Rede Electrónica do Governo (GovNet), o reforço do quadro de protecção de dados pessoais e a criação de mecanismos institucionais para a segurança cibernética.

## **Estratégia de IA com apoio da UNESCO**

Na área de Inteligência Artificial, foi abordada a elaboração da Estratégia Nacional de IA, um processo que conta com o apoio técnico da UNESCO e que inclui a publicação do Readiness Assessment Methodology (RAM) Report sobre Moçambique. O RAM é uma ferramenta de diagnóstico que avalia a preparação de um país para adoptar e beneficiar da IA, analisando dimensões como infraestrutura, competências humanas, quadro regulatório e ecossistema de inovação.

O relatório identifica tanto os progressos, como a existência de políticas públicas articuladas e parcerias internacionais activas, como os desafios persistentes: conectividade limitada fora dos centros urbanos, escassez de profissionais qualificados em ciência de dados e IA, e necessidade de investimento em infraestrutura computacional. A Estratégia Nacional de IA, quando concluída, deverá definir prioridades sectoriais, modelos de governança e fontes de financiamento para a implementação.

# Convenções e cooperação internacional

A apresentação também referiu a adesão de Moçambique a convenções internacionais relevantes, incluindo a Convenção da União Africana sobre Cibersegurança e Protecção de Dados Pessoais

(Convenção de Malabo), demonstrando alinhamento com as normas regionais e globais. Este posicionamento é particularmente importante num contexto em que a regulação da IA e da economia digital está a ser definida a nível mundial, e os países que participam activamente têm maior capacidade de moldar as regras às suas realidades.

A apresentação reforça a posição de Moçambique como um país que, apesar dos desafios estruturais, está a construir de forma metódica o seu ecossistema digital, com políticas públicas, quadros regulatórios e parcerias internacionais que apontam para um futuro mais conectado e soberano.

O que distingue a abordagem moçambicana é a articulação entre múltiplas frentes: transformação digital, governança de dados, IA e cibersegurança não são tratadas como silos separados, mas como peças de um mesmo puzzle. Esta visão integrada, rara em países com recursos limitados, pode ser uma vantagem competitiva se for sustentada com investimento real. O desafio agora é claro: transformar estratégias em acções visíveis no terreno, num ritmo que acompanhe a velocidade da transformação tecnológica global.

Fonte: INTIC, Abril 2026





Publicidade

## *2M cria o primeiro outdoor em Moçambique feito com mais de 1000 rostos de moçambicanos*

Maputo, 30 de Abril de 2026 – A 2M transforma o seu outdoor localizado na zona do Marítimo, em Maputo, num mosaico construído a partir dos rostos de moçambicanos de todo o país numa resposta directa a um pedido que, ao longo dos anos, foi sendo feito pelos amantes da marca.

Projecto este que faz parte da mais recente campanha da 2M, “Feita Por Nós”, lançada em setembro do ano passado, que celebra o calor, a energia e a essência dos moçambicanos, que vivem, todos os dias, à nossa maneira. Esta acção partiu de um convite aberto à participação, desafiando o público a enviar as suas fotografias que agora integram esta composição em grande escala. Mais do que uma execução criativa, este mosaico assume-se como um gesto de reconhecimento dando visibilidade a quem, ao longo do tempo, tem feito parte da história da 2M. Vista à distância, a imagem revela a identidade da marca. De perto, revela algo mais: rostos, histórias e

ligações reais — cada um representando o papel das pessoas na construção da marca ao longo dos anos.

“Ao longo do tempo, fomos sentindo uma vontade crescente das pessoas de se aproximarem da 2M e de fazerem parte da marca. Demos início a esse caminho com a integração dos 2M lovers no nosso casting, na campanha Feita Por Nós, lançada no ano passado. Este projecto surge agora como um passo natural nessa evolução — uma forma de abrir espaço e reforçar que a marca também lhes pertence. Afinal, são eles, os nossos leais consumidores, que elevam a 2M ao patamar onde está hoje. Este mosaico é, acima de tudo, um reconhecimento,” afirma Mara Chiu, Directora de Marketing. Para além da presença no espaço físico, a campanha estende-se ao digital através do website [www.2mfeitapormoz.co.mz](http://www.2mfeitapormoz.co.mz), onde os participantes podem identificar-se no mosaico, explorar os detalhes da composição e partilhar a sua participação.

A iniciativa inclui ainda conteúdos digitais, como um vídeo do processo de construção do mosaico, bem como dinâmicas interactivas que incentivam à partilha nas redes sociais, reforçando o envolvimento contínuo das pessoas com a campanha. Ao longo das próximas semanas, diferentes rostos serão destacados em plataformas digitais, prolongando a visibilidade da acção e mantendo viva a ligação entre a marca e as pessoas que dela fazem parte.

“Esta acção marca o início de mais uma homenagem contínua aos nossos consumidores, que têm impulsionado o crescimento da marca ao longo dos anos. O nosso objetivo é dar continuidade a iniciativas que reforcem essa proximidade, oferecendo cada vez mais visibilidade e protagonismo às pessoas. Como próximo passo, pretendemos expandir este conceito para outras regiões do país, com novos outdoors que integrem os rostos e as histórias de mais moçambicanos.” adicionou Ossumane Soverano, Gestor da Marca 2M.

Com esta iniciativa, a 2M reforça a sua ligação ao país e às pessoas, transformando um suporte de comunicação num espaço de representação colectiva — onde cada participante passa a fazer parte visível da história da marca.

# *Internacional*

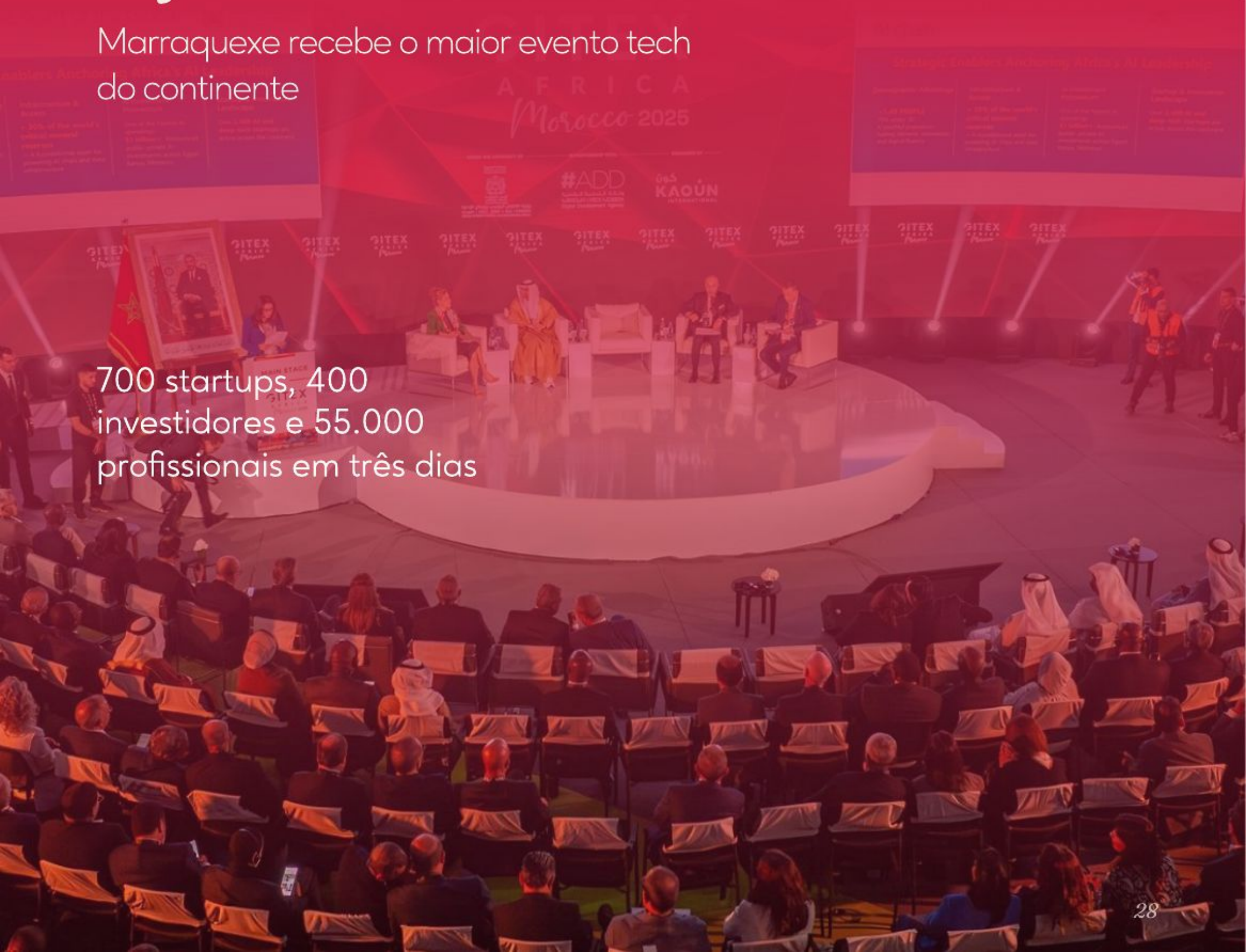
O que está a acontecer fora de Moçambique e que toca, directa ou indirectamente, o ecossistema digital africano.

# GITEX

## África 2026

Marraxuexe recebe o maior evento tech do continente

700 startups, 400 investidores e 55.000 profissionais em três dias



A quarta edição do GITEX África realizou-se de 7 a 9 de Abril de 2026 em Marraquexe, Marrocos, consolidando-se como o maior evento de tecnologia e inovação do continente africano. Nascido como uma extensão do GITEX Global de Dubai, o evento africano ganhou vida própria e tornou-se o ponto de encontro obrigatório para quem quer fazer negócios de tecnologia em África. A edição deste ano reuniu mais de 55.000 profissionais de tecnologia, 1.800 expositores e startups de mais de 130 países.

O North Star África, a vertente dedicada exclusivamente a startups, atraiu 700 empresas emergentes e 400 investidores que, colectivamente, gerem mais de 200 mil milhões de dólares americanos em activos sob gestão. Um dado significativo: 24% dos investidores participaram pela primeira vez, sinal de que o ecossistema africano está a atrair novos olhares e que Marraquexe se está a posicionar como porta de entrada para o capital internacional interessado em África.

## Onze países *na estreia*

Esta edição marcou a estreia de 11 países, incluindo Andorra, Croácia, República Checa, Dinamarca, Hong Kong, Hungria, Luxemburgo, Palestina, Portugal e Tailândia. A diversidade geográfica dos novos participantes revela o alcance global que o evento está a conquistar. A Tunísia levou mais de 40 startups sustentáveis, a Costa do Marfim enviou 12 startups e uma delegação de 45 oficiais, e a França juntou-se com o seu maior pavilhão governamental de sempre, um reconhecimento implícito de que o futuro da tech francophone se joga cada vez mais em África.

# IA no *centro de tudo*

Os temas centrais giraram em torno de Cloud, IoT, IA, Cibersegurança, Telecom, Finanças, Agritech e HealthTech, as áreas que estão a definir o futuro tecnológico do continente. A Inteligência Artificial dominou as discussões, com painéis dedicados a IA generativa, modelos de linguagem para línguas africanas, e aplicações em saúde e agricultura. Várias demonstrações ao vivo mostraram soluções construídas por equipas africanas, desde chatbots multilingues até sistemas de diagnóstico médico assistido por IA.

Para Moçambique, o GITEX África representa uma oportunidade perdida e uma lição para o futuro. A ausência de uma delegação nacional significativa num evento desta dimensão limita a visibilidade do ecossistema tech moçambicano num palco cada vez mais competitivo. Países da SADC como a África do Sul, a Tanzânia e o Ruanda estiveram representados, Moçambique não pode dar-se ao luxo de ficar de fora.

A quinta edição já está marcada para 2027, com expectativas de ultrapassar os 70.000 participantes o GITEX África representa uma montra insubstituível, não apenas para captar investimento, mas para estabelecer parcerias comerciais, aprender com as melhores práticas do continente e mostrar ao mundo o que países africanos são capazes de construir.

Fonte: Morocco World News, GITEX Africa, Abril 2026



# Jovem de 19 anos, reconstrói app com IA e garante 7,3 milhões de dólares em financiamento

A portrait of a young man with dark, wavy hair and black-rimmed glasses. He is wearing a white collared shirt under a dark suit jacket. The background is a solid blue color with faint, light-colored geometric patterns.

Aubrey Niederhoffer

Aubrey Niederhoffer tem 19 anos, abandonou a universidade de Berkeley e mudou-se para Lagos, Nigéria. Esta semana, fechou uma ronda de financiamento de 7,3 milhões de dólares americanos e conquistou uma vaga na prestigiada Thiel Fellowship, o programa criado por Peter Thiel que apoia jovens empreendedores que optam por construir em vez de estudar. A história de Niederhoffer é o tipo de narrativa que obriga a parar e prestar atenção.

A sua empresa, Swoop, nasceu na Eswatini, um dos menores países de África, com pouco mais de 1,2 milhões de habitantes, e está agora a lançar-se no mercado nigeriano de food delivery, o maior e mais competitivo do continente. O sector é avaliado em 1,1 mil milhões de dólares em 2025 e cresceu 187% entre 2021 e 2024, segundo dados da Paystack. Num mercado onde gigantes como Glovo e Bolt Food já operam, entrar é arriscado, mas Niederhoffer acredita que o diferencial está na tecnologia.

## Código inteiro reconstruído com IA

O que torna a história da Swoop particularmente relevante para o ecossistema tech é o método: a sua equipa reconstruiu todo o código da aplicação utilizando ferramentas de inteligência artificial, desde a arquitectura do sistema até à interface do utilizador. O resultado é uma plataforma mais rápida, mais leve e preparada para escalar em mercados africanos, onde a qualidade das redes móveis e a capacidade dos dispositivos variam enormemente.

Este modelo de desenvolvimento, onde a IA não é apenas o produto, mas também a ferramenta de construção, está a tornar-se cada vez mais comum entre startups que precisam de mover-se rapidamente com equipas reduzidas. Em vez de contratar dezenas de programadores, a Swoop utilizou modelos de IA para gerar, testar e otimizar código, reduzindo significativamente o tempo e o custo de desenvolvimento.



# Visão de super app

A ronda foi liderada por Long Journey e contou com a participação de Variant, Version One, Dune Ventures, Soma Capital e Zero Knowledge Ventures, entre outros. Com este financiamento, a Swoop pretende expandir a operação para além do food delivery, posicionando-se como uma super app para o consumidor africano, integrando compras, pagamentos e logística numa única plataforma.

A Thiel Fellowship, que concede 100.000 dólares a jovens com menos de 22 anos que abandonam os estudos para empreender, já produziu fundadores de empresas como Ethereum, Figma e Scale AI. Niederhoffer junta-se a essa lista como o primeiro Fellow a construir a partir de África Austral, e, até à data, o mais jovem a lançar uma startup com operações em dois países africanos em simultâneo.

A história da Swoop mostra que, com as ferramentas certas e a coragem de as usar, é possível construir uma empresa de relevância continental a partir de qualquer ponto de África.

The image shows a screenshot of the Swoop website and its mobile app interface. At the top, a dark blue banner reads "THUMO is now Swoop". Below this is a navigation bar with the Swoop logo, a location dropdown set to "SZ", and links for Home, About, For Vendors, For Riders, and FAQs. A "Download" button with Apple and Android icons is on the right. The main heading reads "Meet Swoop: Eswatini's Super App". Below this, a text block says: "Discover Swoop, the super-app that delivers food right to your door! **New features, new regions, superior experience.** Try food delivery like never before below:". Two buttons, "Get it on iPhone" and "Get it on Android", are positioned above a smartphone mockup. The app interface on the phone shows a location of "Mhlambanyatsi Rd", a search bar with "shawarma" entered, and three category buttons: "Grocery", "Pharmacy", and "Alcohol".

# Qualcomm Make in Africa: 10 startups selecionadas para a 4.<sup>a</sup> edição



## Programa sem equity recebeu 1.200 candidaturas de 45 países

A Qualcomm anunciou as 10 startups selecionadas para a quarta edição do programa Make in Africa, escolhidas entre 1.200 candidaturas provenientes de 45 países. O número de candidaturas, que mais do que duplicou desde a primeira edição, reflecte a crescente procura por programas de apoio que ofereçam valor real sem exigir contrapartidas despropositadas.

O programa de mentoria, com duração de sete meses, oferece acesso a tecnologias Qualcomm, formação especializada e masterclasses, sem exigir participação acionária, um modelo cada vez mais valorizado pelos fundadores africanos, que frequentemente se queixam de programas de aceleração que capturam percentagens desproporcionais do capital em troca de apoio limitado. A Qualcomm, ao abdicar de equity, posiciona-se como parceiro e não como investidor, o que muda fundamentalmente a dinâmica da relação.

### As seleccionadas

As startups selecionadas incluem: Anatsor e D-Olivette Labs (Nigéria), MVUTU/Green Box (República do Congo), Sesi Technologies (Gana), TWave (Uganda), Amperra Charging Company (Namíbia), Safe Sip (Tanzânia), QualiKeeper Investments (Zâmbia), Mindora Corporation (Zimbabué) e Zerobionic (Quênia). A distribuição geográfica é notável: nove países representados, abrangendo África Ocidental, Central, Oriental e Austral.

As áreas de actuação vão de Edge AI e IoT a agricultura inteligente, cidades sustentáveis, tecnologia assistiva e transporte sustentável. A Sesi Technologies, do Gana, por exemplo, desenvolve sensores de baixo custo para monitorar a humidade em armazenamento de grãos, um problema que causa perdas de milhões de toneladas de alimentos em África todos os anos. A Amperra, da Namíbia, foca-se na infraestrutura de carregamento para veículos eléctricos, antecipando uma transição energética que, embora mais lenta em África, já está em curso.

### Impacto social e inovação local

No final do programa, uma startup receberá um grant do Social Impact Fund da Qualcomm for Good, um fundo dedicado a projectos que demonstrem impacto social mensurável. As edições anteriores já produziram casos de sucesso, com várias startups a garantir financiamento adicional após a participação no programa.

O Make in Africa ilustra uma tendência crescente: as grandes tecnológicas não estão apenas a investir em África, estão a apostar no talento local como motor de inovação global. O facto de a Qualcomm não exigir equity sinaliza uma mudança de paradigma: o valor para as grandes empresas já não está apenas na participação acionária, mas na construção de ecossistemas que utilizem e disseminem as suas tecnologias.

Fonte: FurtherAfrica, TheNextAfrica, Abril 2026



*milhões de dólares: o investimento em startups africanas no primeiro trimestre de 2026*

# Crescimento de 26,5% e,

O ecossistema de startups africanas começou 2026 com força: segundo dados agregados de vários trackers, as empresas emergentes do continente captaram cerca de 705 milhões de dólares americanos entre Janeiro e Março, num crescimento de 26,5% em relação ao mesmo período do ano anterior. Após dois anos de correcção, 2023 e 2024 viram uma retração significativa do capital de risco em África,, os números do primeiro trimestre sugerem uma recuperação sustentada.

O Egito liderou o ranking com aproximadamente 190 milhões de dólares, impulsionado por rondas significativas em fintech e logística. A África do Sul seguiu com 157 milhões, mantendo a sua posição como hub tecnológico do continente, enquanto o Quênia captou 94 milhões, com destaque para o ecossistema de pagamentos móveis baseado no M-Pesa. A Nigéria, tradicionalmente uma das líderes, manteve-se competitiva, com especial destaque para os sectores de fintech e logística.

## **A surpresa: dívida supera equity**

O dado mais revelador deste trimestre é estrutural: pela primeira vez, o financiamento por dívida superou o equity na composição total do capital captado. Isso significa que mais startups estão a aceder a crédito e instrumentos de dívida em vez de ceder participações acionárias, um sinal de maturidade do ecossistema e de confiança dos financiadores no modelo de negócio destas empresas.

A expansão do crédito é particularmente relevante para startups em fase de crescimento, que precisam de capital para escalar operações sem diluir a posição dos fundadores. Instrumentos como revenue-based financing, onde o reembolso está ligado à receita e não a prazos fixos, estão a ganhar tração, oferecendo maior flexibilidade a empresas com fluxos de caixa previsíveis.

pela  
primeira  
vez,  
dívida  
supera  
equity



# Fintech continua a dominar

A fintech continua a ser o sector dominante, com pagamentos móveis, banca digital, credit scoring e remessas transfronteiriças a transformar o fluxo de dinheiro em economias onde grande parte da população permanece sem acesso ao sistema bancário formal. A healthtech e a agritech também registaram crescimento notável, reflectindo o interesse dos investidores em sectores com impacto social directo e mercados endémicos em África.

Para Moçambique, os números contêm uma lição e um desafio. O país não figura entre os principais destinos do capital de risco africano, apesar de ter uma população jovem, crescente urbanização e sectores como agricultura e energia com enorme potencial de inovação. Para mudar este panorama, será necessário criar condições regulatórias favoráveis, investir na formação de empreendedores e construir um ecossistema de apoio que vá além dos hackathons e das competições de pitching.

A tendência é clara: o capital está a voltar para África, mas de forma mais selectiva e com maior exigência de resultados. As startups que conseguem financiamento já não são apenas as que têm boas ideias, são as que demonstram tracção real, unit economics saudáveis e capacidade de escalar. O ecossistema africano está a amadurecer, e os 705 milhões do primeiro trimestre são a prova.

Fonte: Business Tech Africa, Disrupt Africa, Abril 2026

# Deepfakes explodem em África: fraude com IA dispara em todo o continente



## Zâmbia regista aumento de 967%, RDC 367% e Malawi 325%

África entrou oficialmente na era da fraude de alta complexidade. Segundo o relatório Digital Identity Fraud 2026 da Smile ID, a maior plataforma de verificação de identidade do continente, os ataques baseados em deepfakes registaram um crescimento explosivo em vários países africanos. Deepfakes são vídeos, imagens ou vozes gerados por inteligência artificial para imitar pessoas reais, e estão a ser usados para fraude financeira, impersonação de executivos e manipulação política.

A Zâmbia lidera o ranking com um aumento impressionante de 967% nas tentativas de deepfake,

seguida pela República Democrática do Congo (367%), Malawi (325%), Tanzânia (317%) e Quênia, onde os deepfakes já representam quase 10% de todas as tentativas de fraude. A África do Sul regista a maior proporção do continente: 22% dos casos de fraude envolvem impersonação gerada por IA. Os números são alarmantes e mostram que esta ameaça não está confinada a países ricos ou tecnologicamente avançados.

### 100.000 ataques de injeção por mês

O relatório da Smile ID detectou mais de 100.000 ataques de injeção por mês em 2025, um método onde os fraudadores contornam as câmaras dos dispositivos, alimentando os sistemas de verificação com mídia sintética ou pré-gravada através de emuladores e câmaras virtuais. Na prática, isto significa que alguém pode abrir uma conta bancária, solicitar um empréstimo ou validar uma transação financeira usando a face de outra pessoa gerada por IA.

Os criminosos utilizam áudios extraídos do TikTok, Instagram ou Facebook para clonar vozes usando ferramentas de IA baratas, muitas delas gratuitas e facilmente disponíveis online, e

*“A defesa contra deepfakes não vai ser apenas tecnológica. Vai ter de ser cultural — uma reeducação colectiva do que confiamos.”*

— RELATÓRIO MOZILLA × CDT, ABR 2026

depois ligam para funcionários de empresas fingindo ser executivos em situações de extrema emergência. O esquema, conhecido como “ceo fraud” ou “business email compromise” com voz sintética, já causou prejuízos de milhões de dólares em todo o mundo.

# Uma ameaça que nós toca de perto

Em todo o continente, quase uma em cada cinco pessoas foi directamente alvo de um ataque deepfake, e 24% dos inquiridos afirmam não conseguir distinguir de forma fiável conteúdo real de conteúdo gerado por IA. A literacia digital, a capacidade de identificar conteúdo manipulado, está a tornar-se tão importante como a literacia financeira para a proteção do consumidor.

O alerta é claro: a mesma tecnologia que está a transformar indústrias e a criar oportunidades é também uma arma nas mãos de quem a usa para enganar. E Moçambique, com o crescimento acelerado da banca móvel, dos serviços digitais e da penetração das redes sociais, não está imune a estas ameaças. O país precisa investir em tecnologias de detecção, regulamentação específica e campanhas de sensibilização pública antes que a onda chegue com toda a força. A prevenção é sempre mais barata do que a remediação, e neste caso, os prejuízos não são apenas financeiros, são também de confiança institucional e social.

Fonte: WeeTracker, Smile ID, BusinessDay NG, Março 2026

# Vambo IA.

*A IA que fala 44 línguas africanas.*



# Startup sul-africana constrói infraestrutura multilingue e é reconhecida pela Meta e Google

Se a inteligência artificial vai transformar África, precisa primeiro de falar as nossas línguas. É essa a missão da Vambo AI, uma startup sul-africana fundada por Chido Dzinotywei que está a construir infraestrutura de IA multilingue para tradução, processamento de voz e IA generativa em 44 línguas africanas e 20 globais. O problema que a Vambo ataca é fundamental: os grandes modelos de linguagem funcionam extraordinariamente bem em inglês, razoavelmente em português ou francês, e de forma muito limitada em changana, emakhuwa, swahili ou yorúbá.

A empresa foi selecionada para a 10.ª edição do Google for Startups Accelerator África, um programa híbrido de três meses que decorre de 13 de Abril a 19 de Junho de 2026. A escolha não foi casual: a Vambo AI representa a transição do ecossistema africano de aplicações de consumo para tecnologias profundas de infraestrutura, as camadas sobre as quais outras aplicações são construídas.



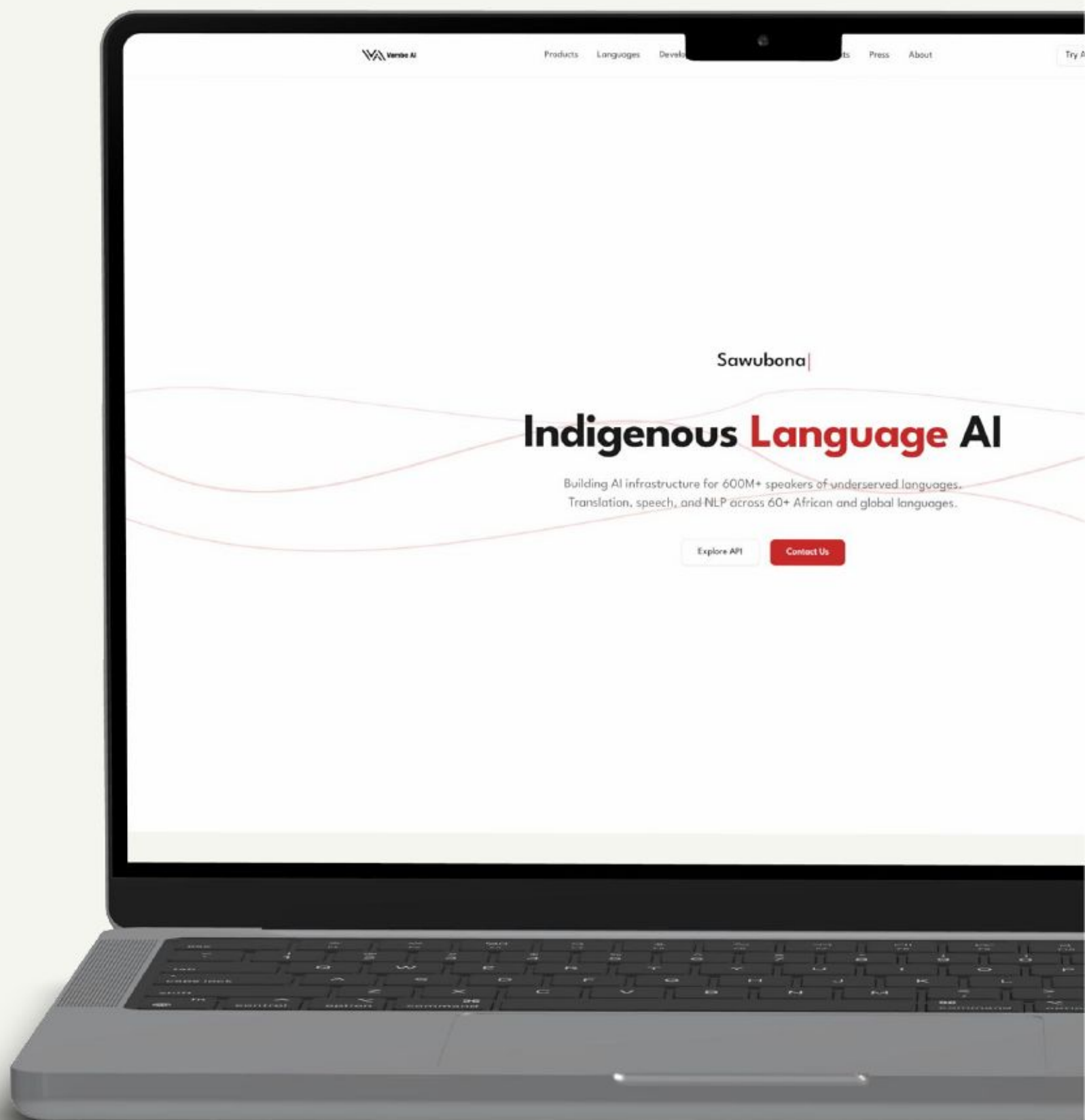
Chido Dzinotywei

# Reconhecimento global

A Vambo AI já acumula reconhecimento internacional significativo: foi seleccionada para o Top 50 Language AI Startups da Sclator, uma lista que inclui empresas de todo o mundo, recebeu o Anit Prize for Social Impact e conquistou o Llama Impact Grant da Meta, um financiamento destinado a projectos que utilizam os modelos de IA da Meta para gerar impacto social. A combinação de reconhecimento académico, corporativo e de impacto social coloca a Vambo numa posição única no ecossistema africano.

O modelo de negócio da Vambo assenta na oferta de APIs de tradução e processamento de linguagem natural que outras empresas podem integrar nos seus produtos. Imagine uma aplicação de banca móvel que funciona em emakhuwa, ou um chatbot de apoio ao cliente que responde em changana, é exactamente este tipo de solução que a Vambo torna possível.

Fonte: iAfrica, ITWeb, Google Blog, Abril 2026



amazon × ANTHROPIC

4 mil  
milhões  
USD

Amazon e Anthropic com o maior acordo de infraestrutura de IA da história





A Amazon anunciou um investimento de até 25 mil milhões de dólares na Anthropic, a empresa criadora do modelo Claude, num acordo que redefine as regras do jogo na corrida global pela inteligência artificial. O investimento soma-se aos 8 mil milhões já investidos anteriormente, elevando o compromisso total da Amazon para 33 mil milhões de dólares, o maior investimento de uma big tech numa única empresa de IA até à data. A estrutura divide-se em 5 mil milhões imediatos, avaliando a Anthropic em 380 mil milhões de dólares, e até 20 mil milhões adicionais condicionados a marcos comerciais.

Em contrapartida, a Anthropic comprometeu-se a gastar mais de 100 mil milhões de dólares na Amazon Web Services (AWS) ao longo dos próximos dez anos, garantindo até 5 gigawatts de capacidade computacional para treinar e operar os seus modelos Claude. Para contextualizar: 5 gigawatts equivalem ao consumo energético de uma cidade de médio porte, reflectindo a escala brutal de recursos necessários para manter modelos de IA de fronteira.

## Chips próprios e independência tecnológica

O acordo abrange o uso de chips Trainium2, Trainium3 e Trainium4, o silício personalizado da Amazon, com opção de compra de gerações futuras. Esta aposta em chips próprios é estratégica: reduz a dependência da Nvidia, cujas GPUs dominam actualmente o mercado de IA, e permite à Amazon oferecer custos de computação potencialmente mais baixos. Até ao final de 2026, a Anthropic terá acesso a quase 1 gigawatt de capacidade combinada Trainium2 e Trainium3, com escala para crescer substancialmente nos anos seguintes.

A parceria transforma a Anthropic no maior cliente individual de cloud do mundo e a AWS no fornecedor de infraestrutura dominante para uma das três maiores empresas de IA. É uma simbiose que beneficia ambas: a Amazon ganha um cliente âncora que justifica investimentos maciços em data centres, enquanto a Anthropic garante acesso a computação a uma escala que poucos concorrentes podem igualar.

# O paradoxo Amazon: investir em rivais

## VOCABULÁRIO

### *Trainium*

Chip de IA proprietário da Amazon, alternativa às GPUs NVIDIA H100. Optimizado para treino de modelos transformer.

O que torna este acordo particularmente notável é o contexto: a Amazon fez este investimento apenas dois meses depois de concordar em investir até 50 mil milhões de dólares na OpenAI, a principal rival da Anthropic. A estratégia é clara, embora paradoxal: a Amazon não quer ganhar a corrida dos modelos de IA, quer ser a infraestrutura sobre a qual todos correm. Independentemente de quem vencer entre Claude, GPT ou Gemini, se todos correrem em AWS, a Amazon ganha.

Esta abordagem é remanescente da estratégia clássica de vender pás durante a corrida ao ouro. Enquanto Google, Microsoft e Meta apostam em modelos próprios, a Amazon posiciona-se como a camada de infraestrutura neutra que alimenta todo o ecossistema. Com o Amazon Bedrock, os clientes empresariais já podem aceder a múltiplos modelos de IA através de uma única plataforma, sem ficarem presos a um fornecedor específico.

## O novo mapa de poder da IA

O acordo revela uma tendência maior: a indústria de IA está a consolidar-se em torno de mega-parcerias entre quem constrói modelos e quem constrói infraestrutura. A Microsoft investiu mais de 13 mil milhões na OpenAI. A Google aposta no seu próprio Gemini. A Meta distribui modelos open-source. E a Amazon, com investimentos simultâneos na Anthropic e na OpenAI, posiciona-se como o fornecedor de infraestrutura para todos.

Esta concentração de capital levanta questões fundamentais sobre o futuro da concorrência. Quando três ou quatro

empresas controlam a computação necessária para treinar modelos de fronteira, a barreira de entrada para novos concorrentes torna-se praticamente intransponível. O custo de treinar um modelo de última geração já ultrapassa os mil milhões de dólares, e a tendência é de crescimento exponencial.

O acordo Amazon-Anthropic é mais do que um negócio entre duas empresas: é um sinal de como o futuro da IA não será definido apenas pela qualidade dos algoritmos, mas pela capacidade de os alimentar com energia e computação a uma escala sem precedentes.

Fonte: CNBC, TechCrunch, Anthropic, Abril 2026

# Kabum

*“O momento em que um país decide participar — e não apenas assistir — é sempre difícil de datar com precisão.”*

SEGUE-NOS

kabum.digital  
@kabum.digital